

# OBSOLESCÊNCIA DO CONHECIMENTO ESTÁ LEVANDO A UM ENVELHECIMENTO PRECOCE DA POPULAÇÃO

Maria José Ponciano<sup>1</sup>

## RESUMO

A obsolescência do conhecimento da população de mais idade está levando à exclusão do mercado de trabalho do indivíduo de 40 anos em função das mudanças tecnológicas e de conceitos, significando um envelhecimento precoce da população.

O envelhecimento ainda não é visto como conquista mas como problemas, ainda persiste o discurso governamental neomalthusiano de que o sistema da previdência irá implodir sem apontar as verdadeiras causas como o desvio da destinação das verbas. Estas questões são agravadas com as propostas de reformas da Previdência que pretende aumentar a idade de aposentadoria sem atentar para o fato de que as empresas governamentais e privadas não oferecem condições de treinamento para os trabalhadores de mais idade para que se adequem às novas exigências. O Fórum da Sociedade Civil que antecedeu a II Assembleia da ONU sobre envelhecimento, que ocorreu em 2002 em Madri, elaborou documento com propostas factíveis para contornar esta situação.

Diante das modificações estruturais da produção, entendemos que seja imperativo que o indivíduo de mais idade **reaprenda** a adaptar-se não só ao relacionamento capital-trabalho emergente, como aos demais aspectos da vida para reduzir o impacto das mudanças rápidas, em especial em se tratando da mulher idosa, que já traz situações de vulnerabilidades sociais.

As alternativas vêm através da prática da educação permanente, de que fala Paulo Freire que considera a aprendizagem o processo para toda a vida e não restrita a um período da vida, o que recoloca a situação como uma obrigação não só da sociedade mas do próprio ser que envelhece.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, com MBA em Finanças pelo IBMEC, Especialista em Psicologia Pedagógica, pela FGV, Analista de Sistemas pela UERJ, Especialista em Ciências Contábeis, pela FGV e Especialista em Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa, pela ENSP/FIOCRUZ. Ex-Presidente do CEDEPI-RJ gestão 2011/2013. Titulada Gerontóloga pela SBGG em abril de 2014.

**Palavras chave:** Mercado de trabalho. Transformações tecnológicas. Programas de treinamento. Políticas públicas. Educação permanente. Envelhecimento.

## INTRODUÇÃO

Dentre as questões que emergem a partir fenômeno do envelhecimento populacional que começa a ocorrer no Brasil está a obsolescência do conhecimento da população de mais idade, fator associado às rápidas transformações tecnológicas. Esta constatação leva a uma consequência preocupante, que vem a ser a exclusão do mercado de trabalho do indivíduo de mais de 40 anos, o que precisa de intervenções imediatas. Levando-se em conta que o processo de exclusão social acentua-se com o aumento da idade, a obsolescência do conhecimento da população de 40 anos e mais nos coloca diante de uma grave situação que não pode ser descuidada não só pelos setores que propõem políticas públicas como pelos agentes educacionais.

Os dados oficiais sobre as transformações demográficas ocorridas no mundo apontam para um crescimento desta faixa etária. No Brasil, a população residente, por grupos de idade – Censo IBGE 2010, com faixa etária entre 40 e 60 anos, representava, **38%** do total da população economicamente ativa (considerando população entre 20 e 65 anos) e, projetando para 2020, o percentual pula para **42%**. Serão em torno de 48 milhões de pessoas entre 40 e 60 anos de idade.

<b>Tabela 1209 - População, por grupos de idade</b>	
<b>Brasil</b>	
<b>Variável = População (Pessoas)</b>	
<b>Ano = 2010</b>	
<b>Grupos de idade</b>	
<b>Total da população</b>	<b>190.755.798</b>
<b>Total da população economicamente ativa (entre 20 e 65 anos)</b>	<b>112.594.561</b>
<b>40 a 59 anos</b>	<b>43.261.898</b>
<b>60 a 70 ou mais</b>	<b>39.007.645</b>

Fonte: [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br)

No que se refere à população idosa propriamente dita, de 60 a 70 anos e mais, em 2010 estava representada por 35% do total da população economicamente ativa e 20% considerando o total da população.

Diante do fenômeno do envelhecimento, que ocorre mundialmente, as organizações internacionais trazem o discurso de fomentar o desenvolvimento para melhorar a vida das pessoas contribuindo para que o idoso viva melhor e seja parte integrante desse desenvolvimento. Promover o ‘envelhecimento ativo’, segundo a OMS “é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”, uma proposta factível e necessária.

Entretanto, apesar dos discursos, ou, entrecortando os discursos, percebemos que o envelhecimento ainda não é visto como conquista mas como problema. Podemos verificar algumas preocupações do Banco Mundial com o envelhecimento no Brasil: *“No Brasil, a parcela das transferências públicas per capita destinadas à população idosa, se comparada à fração para as crianças, é muito maior do que em qualquer outro país da OCDE e da América Latina e do Caribe com sistemas proteção social similares.” E conclusões como: “Gastos em saúde provavelmente aumentarão substancialmente”; “o atual sistema previdenciário gera incentivos negativos para a participação no mercado de trabalho e para as contribuições à seguridade social”.*

Neste sentido, a preocupação com a situação das pessoas idosas merece uma atenção especial pelas peculiaridades inerentes a esta fase da vida. Mas traz, paralelamente, uma inquietação com um sistema que poderá implodir. É assim que as referências sobre a explosão demográfica, via de regra, são acompanhada de projeções governamentais sobre os gastos públicos com a aposentadoria e a saúde sempre indicando que irá inviabilizar o sistema nacional.

Não é o envelhecimento da população que vai trazer o caos à previdência, mas a ineficiência do sistema, o desvio das verbas de suas finalidades, conforme denuncia a ANFIP, Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal.

Além do que, nada garante que vamos chegar a 2050 conforme apontam as previsões. As projeções neomalthusianas de um crescimento populacional explosivo

servem mais para embasar reformas na previdência e cortes nas aposentadorias do que para a implementação de políticas públicas preventivas.

Tivemos no País um período de alta fecundidade, que formatou um país de jovens. Presentemente estamos diante da diminuição da taxa de fecundidade com uma proporção de crianças reduzida, um aumento da população adulta e crescimento do quantitativo de idosos. Sem dúvida provoca alterações nas demandas sociais. Mas nada garante que essas condições não serão revertidas em algum momento. Da mesma forma que o rápido crescimento populacional tem sido consequência de uma série de fatores, outros fatores poderão definir uma tendência contrária.

Falta nos cálculos demográficos a previsão desses momentos críticos de reversibilidades a exemplo do que ocorre com os testes de estresse na gestão de risco do sistema financeiro, levando em conta os efeitos cíclicos que afeta todo o universo.

## **A CRISE DO MERCADO DE TRABALHO**

Muito embora as crises econômicas sucessivas tenham colocado em cheque o modelo neoliberal, ainda temos uma proposta de organização calcada num Estado com intervenção mínima e um mercado que se propõe a ser autorregulado. Com a globalização, assistimos à internacionalização da economia, com a derrubada das fronteiras e mudanças em um ritmo frenético.

Neste contexto, assistimos, presentemente a uma revolução sem precedentes que se reflete diretamente nas relações do trabalho. O papel do trabalho é o aspecto que mais sofre transformações e que menos certezas apresenta sobre seu futuro. Nos dias atuais, a substituição do homem pela máquina é uma realidade irreversível, trazendo como consequência uma massa de desempregados e subempregados. A flexibilização das relações do trabalho tem levado já há alguns anos, à redução de pessoal e terceirização da mão de obra.

No Brasil, segundo publicação do IBGE sobre Pessoas Ocupadas em empresas do Setor Informal, em 1997, já encontrávamos 12,87 milhões de pessoas, o que

representava 15% da população economicamente ativa. Em 2003 alcançava o contingente de 13,86 milhões, sendo que 16,6 % desse total de pessoas ocupadas no setor informal tinham entre 40 e 59 anos, segundo dados do SEBRAE.

Este percentual de ocupação no setor informal vem crescendo assustadoramente, disfarçando, através da precarização das relações do trabalho, o crescente desemprego, necessitando uma intervenção pública emergencial.

Este fator vem atingindo duramente, principalmente, os muito jovens, diante da barreira do primeiro emprego, e os de mais de 40 anos, diante da obsolescência do seu conhecimento para este mercado em constante mudança.

### **DISCRIMINAÇÃO DO TRABALHADOR DE MAIS IDADE**

Para enfrentar a revolução tecnológica em curso, fundada na informação, as empresas estão apostando na criatividade, arrojo, ousadia e inovação dos jovens, segundo os gurus e manuais de administração. O mercado de trabalho vem demonstrando, a cada dia, maior interesse por profissionais mais jovens, porque eles estão cada vez mais adaptado às transformações, lidam melhor com novas tecnologias e não têm cultura arraigada.

Com isto, as pessoas mais velhas estão sendo descartadas porque seus conhecimentos tornaram-se obsoletos; não só nas técnicas, como em suas atitudes, nos comportamentos e posturas diante da vida. Capacidade para trabalhar em grupo, iniciativa, ousadia e criatividade não foram comportamentos reforçados na educação dos últimos 30 anos e não fazem parte da estrutura do trabalhador de 40 ou 50 anos.

“As pessoas de meia-idade vão se confrontar cada vez mais com preconceitos à medida que envelhecerem porque esta sociedade nega o valor da experiência. Numa organização flexível, os hábitos e as práticas do passado são o inimigo a ser combatido. Também se acredita que as pessoas de meia-idade são avessas ao risco.”, segundo entrevista do sociólogo americano, Richard Sennett à revista Você.

Muito embora a experiência seja um fator ainda importante e seja considerado notório que características como equilíbrio, tranquilidade, sabedoria e tolerância chegam com o tempo, o fato é que o peso do profissional experiente diminuiu, em função de outras características, como trabalho em equipe, dinamismo e conhecimento tecnológico. Trata-se de uma mudança radical, ainda mais agravada porque este indivíduo de mais idade, quando era jovem, por sua vez, não teve acesso a oportunidades exatamente porque tinha pouca experiência. Uma geração que ficou exprimida entre duas concepções.

Ser considerado velho aos 45 anos demonstra que estamos diante de um envelhecimento precoce do trabalhador, da obsolescência do seu conhecimento em função das mudanças tecnológicas e de conceitos. O avanço da tecnologia, as dificuldades de acesso, as novas técnicas e teorizações causam impacto em todas as gerações em especial aos mais velhos. O afastamento precoce das pessoas de 40 anos da produção, condicionado pela especialização e pela sofisticação é preocupante. É um processo que precisa ser urgentemente revertido.

A DISCRIMINAÇÃO DO TRABALHADOR DE MAIS IDADE foi tema do Fórum de ONGs sobre envelhecimento, que antecedeu a II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento da ONU, ocorrido em Madri, em abril de 2002. Esta foi uma das grandes discussões do Fórum que fundamentou e incluiu o artigo 11 na Declaração Política da II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento da ONU em 2002:

*“As expectativas das pessoas idosas e as necessidades econômicas da sociedade exigem que as pessoas idosas possam participar da vida política, social e cultura econômica de suas sociedades. As pessoas idosas devem ter a oportunidade de trabalhar durante o tempo que desejarem e forem capazes, em trabalho gratificante e produtivo, continuando a ter acesso à educação e programas de treinamento. O empoderamento das pessoas idosas e da promoção da sua participação plena, são elementos essenciais para um envelhecimento activo. Para as pessoas mais velhas, será prestado adequado apoio social e sustentável.”*

Neste sentido, quando se fala das propostas de reformas da Previdência que pretendem aumentar a idade de aposentadoria, é preciso atentar para o fato de que as empresas governamentais e privadas não oferecem condições de treinamento para os trabalhadores de mais idade para que se adequem às novas exigências. Se o argumento

para discriminação é o da eficiência, apontando para o fato de que os de mais de 40 estão distantes da tecnologia, são menos flexíveis e menos ágeis, o Fórum de ONGs elaborou propostas factíveis para contornar esta situação, especialmente, no que tange à necessidade de criar mecanismos que obriguem as empresas a oferecerem reciclagem e treinamento permanente.

E este fator torna-se ainda mais grave porque, no Brasil, a idade para se adquirir direito à aposentadoria aumentou. Estamos diante de uma reforma do estado brasileiro que insiste em trazer em seu bojo a desconstrução da seguridade social, com conseqüências regressivas para a maioria da população, notadamente para a parcela idosa da população que vêm restringidos suas opções, no campo da previdência, saúde e assistência sem as contrapartidas recomendadas no artigo 11 da Declaração Política no que se refere a reciclagem e treinamento que o Brasil subscreveu.

São muitos os programas que incentivam os idosos a voltar a estudar, a buscar capacitação profissional, retornar ao mercado de trabalho após a aposentadoria, em especial a inclusão digital. Mas são escassas as preocupações com a capacitação do profissional ao longo de sua vida.

## ALTERNATIVAS

Diante das modificações estruturais da produção, entendemos que seja imperativo que o indivíduo de mais idade **reaprenda** a adaptar-se não só ao relacionamento capital-trabalho emergente, como aos demais aspectos da vida para reduzir o impacto das mudanças rápidas.

Com relação ao mundo do trabalho, é preciso que as empresas elaborem programas educacionais que visem as suas transformações, buscando incorporar novas qualificações e formas criativas e inovadoras de forma a que o trabalho da pessoa de mais idade não se torne obsoleto e seja dignificante e de alta qualidade.

Este aspecto inclui programas de aprendizagem da informática, manipulação das novas mídias, dentre outras. Raramente vemos diante de oportunidades de

treinamento, capacitação e reciclagem no quarto final da vida profissional. A ausência dessas práticas dão início ao processo de exclusão social que coloca o indivíduo de mais idade à margem do processo produtivo, momento em que são incentivados a se envolverem em atividades de lazer e voluntariado.

Vemos uma efetivação de mecanismos de exclusão subjacentes à sociedade no lugar de uma postura transformadora. Há, ainda, uma cultura de bloqueio na busca das relações igualitárias, as gerações estão próximas fisicamente mas distantes na cooperação. Não admira que desta forma são produzidos indivíduos facilmente desmotivados, atingidos por perdas de poder e prestígio no ambiente de trabalho, a que se acumulam outras perdas da idade.

Pelas projeções demográficas, o indivíduo de 40 anos viverá mais que o dobro de sua idade. No caso da mulher, esta situação amplia sua situação de vulnerabilidade social ao acrescentar outro fator de discriminação: o de ser idosa. Valorizada por séculos apenas por seu papel reprodutivo e cuidadora dos filhos, a desvalorização profissional seria acrescida de outras perdas como a viuvez, baixa aposentadoria, isolamento, dependência, dentre outras. A feminização do envelhecimento constatada pelas projeções do IBGE, que mostram que as mulheres vivem mais, nos aponta uma necessária direção a trilhar.

A educação permanente, de que fala Paulo Freire abrange uma preocupação com a continuidade do ser. É necessário estimular nas pessoas de mais idade o desejo de acompanhar as modificações do mundo. Mais importante ainda, é preciso que elas estejam conscientes da sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento social e no seu próprio desenvolvimento.

Neste sentido, conforme Lucia Palma (2000), a educação integral exige abordá-la não só em um sentido transversal –o da integração em todas as dimensões da personalidade, - senão também em um sentido longitudinal, em todas as etapas da vida. Frisa a autora que a dimensão individual implica em fazer do sujeito o responsável por sua própria aprendizagem. Construir sua própria hierarquia de valores, melhorar suas habilidades e aptidões e modificar atitudes em relação a si mesmo, aos demais e ao seu entorno. É uma verdadeira reinsersão social.



Estamos falando da distinção entre educação formal e educação permanente, sendo que esta última não é restrita a um período mas ocorre durante toda a vida. Então, é preciso que o processo de conscientização leve à problematização da realidade circundante. É como aquele profissional que, diante da constatação de que seu saber está sendo superado pelas novas concepções, propõe: “Vamos parar tudo. Vamos ficar seis meses reciclando novos e antigos funcionários e nivelando os conhecimentos”.

Ele fez a identificação do ponto-chave, a identificação de que “o que sabíamos antes não é suficiente agora”. Sua proposta foi de intercâmbio e cooperação. Essas variáveis do ponto-chave, se modificadas poderão constituir a solução do problema identificado. Coincide com a proposta da Educação Permanente de Paulo Freire que se refere à preocupação de oferecer oportunidades educativas ao longo da vida, contribuindo para a autonomia pessoal.

A origem da baixa autoestima e re inserção social que se constata com relação à pessoa idosa pode estar originada bem antes, justamente nesta fase que se identifica a obsolescência do seu conhecimento quando não é corrigida a tempo.

A solução vem através da prática da promoção da autonomia, que permita alcançar a saúde física e o bem estar social. Capacitar o indivíduo às mudanças no mercado do trabalho, acompanhar a evolução tecnológica e as transformações que ocorrem, sem dúvida, são obrigação das empresas mas, antes de tudo, obrigação do próprio ser que envelhece.

O processo educacional deve propiciar novos confrontos, deve oferecer condições para o homem rever os seus conceitos e discutir processos e tendências futuras.

## CONCLUSÕES

Quando se considera o envelhecimento um período caracterizado por perdas, podemos identificar as origens dos golpes à autoestima do indivíduo justamente neste período de desvalorização profissional em função da obsolescência do seu conhecimento. Aí já podemos visualizar o nascedouro dos preconceitos e estereótipos em relação à velhice. Situação que poderiam ser solucionados através da atualização contínua dentro da nova tecnologia e linguagens e a troca de saberes entre gerações, através de uma educação presente em todo o curso da existência, que deixe de ser parcial e passe a ser integral e contínua.

Desta forma os bancos escolares e a educação formal seriam apenas o início de um processo, a educação permanente é a sua continuidade, que considera os indivíduos capazes de aprender por toda a vida.

A quebra de estereótipos acerca da pessoa idosa está exigindo cada vez mais atenção aos direitos e especificidades destes por parte do poder público e da sociedade em geral. Não podemos deixar de levar em conta que essas mesmas tecnologias que distanciam o indivíduo de mais idade também aumentam a expectativa de vida ao nascer, o que contabilizamos como vitória da humanidade que ainda não aprendemos a capitalizar.

Não obstante, é preciso pensar, em termos de Brasil, em que condições estão a infância, a adolescência e a vida adulta da nossa população. Temos que verificar se o nível educacional e os serviços de saúde estão adequados para se chegar a uma velhice realmente saudável. Este é o nosso desafio.

Se todos esses preceitos que abordamos forem aplicados durante todos os ciclos de vida, violências contra a pessoa idosa seriam minimizadas, pois os mesmos já estariam fortalecidos ao longo de toda a vida. Exemplo é o artigo 22 do Estatuto do

Idoso, que determina que “*nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria*”. Este artigo do Estatuto do Idoso é emblemático para demonstrar que temos as leis mais perfeitas do mundo, mas falta serem cumpridas. Se cumprido, este artigo 22, teríamos uma redução significativa da violência contra a pessoa idosa através da conscientização trazida pela educação.

Amparar o processo de envelhecer é responsabilidade de toda a sociedade. E vemos que não estamos preparados para tal. Estamos negando à pessoa idosa o direito de viver dignamente levando-o ao desamparo, à solidão e conseqüentemente à decadência em função de não estarem sendo oferecidas as condições para que se adequem às novas exigências. Mudança é a palavra chave neste contexto: aprender a se adaptar e mudar.

## REFERÊNCIAS :

---

**BANCO MUNDIAL.** Envelhecendo em um Brasil mais Velho: Implicações do envelhecimento populacional para o crescimento econômico, a redução da pobreza, as finanças públicas e a prestação de serviços. Sumário Executivo, Washington, 2011.

Disponível em:

<[http://siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/3817166-1302102548192/Envelhecendo\\_Brasil\\_Sumario\\_Executivo.pdf](http://siteresources.worldbank.org/BRAZILINPOREXTN/Resources/3817166-1302102548192/Envelhecendo_Brasil_Sumario_Executivo.pdf)>

**BEAUVOIR,** Simone de. *A Velhice.* Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso.** Brasília: Ministério da Saúde, 2003. (Série E. Legislação de Saúde).

**BUARQUE,** Cristóvam. *A Revolução da Esquerda e a Reinvenção do Brasil.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

**FórumPNEIRJ.** Idosos Avaliam Plano de Ação Internacional: uma visão de baixo para cima. CD FórumPNEIRJ, Rio de Janeiro, 2007.

**FRUTOSO,** Dina. *A Aprendizagem ao Longo da Vida* In: **CADERNO GERAÇÃO.** Associação Nacional de Gerontologia-Seção Rio de Janeiro, Ano 3, nº 4, Rio de Janeiro, 2013.

**GRAMSCI,** Antonio. *Cadernos do cárcere,* vol.1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

**FREIRE,** Paulo. *Educação e Mudança.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

**IBGE.** *Censo Demográfico 2010.* Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

\_\_\_\_\_ Sidra. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>

**LIMA,** Sonia Lucio Rodrigues de. *O Projeto de Reforma do Estado no Governo FHC – Reforma ou Contra-Reforma?* In: *Revista ANG,* 2000.

**MENEZES,** Lená Medeiros. *-Brasil 500 anos: Resgate Histórico ou Discurso Jurássico?* in: *Revista do SEPE,* Rio de Janeiro, 2000.

ONU. Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento. Brasília, PR-Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

\_\_\_\_\_ Declaração Política da II Assembleia sobre Envelhecimento da ONU . Brasília, PR-Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE . Envelhecimento ativo: uma política de saúde;** tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan- Americana da Saúde, 2005. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)>

**PALMA, Lucia Terezinha Saccomori.** Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem –sucedida. Passo Fundo, UPF Editora, 2000.

**PATARRA, Neide Lopes.** Rumo a um novo perfil demográfico, disponível em: <[https://www.seade.gov.br/produtos/spp/v02n04/v02n04\\_07.pdf](https://www.seade.gov.br/produtos/spp/v02n04/v02n04_07.pdf)>

**PAULA, Sergio Goes de. LIMA, Paulo Henrique** “**As transformações do mundo do trabalho** - Mas o que é que está acontecendo com o mundo? In: Revista RETS, 2000.

**SEBRAE.** Economia Informar Urbana Observatório SEBRAE, 2005, Disponível em <[http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B62D40E012B6E46F1ED009B/economia\\_informal\\_urbana.pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812B62D40E012B6E46F1ED009B/economia_informal_urbana.pdf)>

**SENNET, Richard.** Entrevista. In: Revista Você, 2000. Disponível em <http://navemobile.com/a-corrosao-do-carater/>

**TAAM, Regina.** A Educação não-formal do Adulto Idoso. UEM 2008. [Acessado em: 27/07/2009]. Disponível em: [http://www.paulofreire.org/twiki/pub/FPF2008/TrabalhoReginaTaam/A\\_EDUCACAO\\_NAO\\_FORMAL\\_DO\\_ADULTO\\_IDOSO.doc](http://www.paulofreire.org/twiki/pub/FPF2008/TrabalhoReginaTaam/A_EDUCACAO_NAO_FORMAL_DO_ADULTO_IDOSO.doc)

